

O Patológico apresenta o seu...

SPASMO!

Porque livre pensar, é só pensar.



Editorial

No princípio era a decoreba. E da decoreba, num espasmo, fez-se a luz. E aqui estamos nós, para servir de válvula de escape para sua face artista. Este é um espaço para que você faça o que, infelizmente, a estrutura do seu curso tanto lhe impede... usar a "cuca" como porta-voz de suas angústias, ansiedades, tristezas, alegrias, euforias, etc.

O formato do "Spasmo" é, de propósito, muito pouco sóbrio, tendo para o de *Fanzine* - do inglês: *Fantastic Magazine*, uma publicação underground que visa traduzir a forma de pensar de várias tribos. E é assim para que você se sinta bem à vontade e não se reprima em nenhum sentido.

A quantidade de material recebido nos dá uma amostra de que existe mais sensibilidade na Medicina do que sonha nosso vão preconceito. Não se acanhe, ó mancebo, exerça sua vontade e brinde-nos com sua arte. Entregue seu grito aqui no CAAL que, tão logo haja espaço a gente publica. Vale pseudônimo. Vale até sem nome. O que não pode é ficar calado. Por hora, a gente agradece àqueles que fizeram esse projeto sair de nossas vontades.

É isso aí. Médicos do próximo milênio, está fundado o desvairismo!

MICHEL M. VIEIRA

Epifania que celebra a vida

"Liberdade e amor são incompatíveis. Quem ama não pode ser verdadeiramente livre, porque o amor escraviza."

Krzysztof Kieslowski

O diretor polonês Krzysztof Kieslowski (O Decálogo e A dupla vida de Veronique) abre com genialidade a trilogia *Trois couleurs* que liga as cores da bandeira francesa com os ideais da Revolução de 1789. Com *A Liberdade é Azul* ganhou o Leão de Ouro no Festival de Veneza 93 (dividindo com *Short cuts* - *Cenas da vida* de Robert Altman), e os prêmios de melhor atriz e melhor fotografia.

Juliette Binoche interpreta Julie, que perde o marido e a única filha num acidente de carro, do qual sobrevive. Só e dilacerada de dor, fecha-se em si mesma e mergulha em direção à morte, pelo menos psicológica. Tenta desfazer todos os vínculos com o mundo ao redor: a casa, as lembranças e a partitura que o marido deixou inacabada. Guarda para si apenas o móvel de contas azuis que estava no quarto da filha. Estaria Julie livre? E sendo livre, poderia conciliar

liberdade e amor?

Ao tentar provar por um ínfimo instante a sua existência, dorme com Olivier, assistente de seu marido, que a amava em silêncio. Roldada de dor, foge desorientada e machuca sua mão contra uma parede de pedra, tentando aplacar o seu sofrimento em um dos vários intensos e climáticos momentos deste filme.

Nesta desesperada fuga da existência, Julie não consegue evitar o confronto com o fluxo de vida a seu redor, como a ratazana que deu à luz em seu armário, no contato com a vida de uma vizinha que se prostitui e o momento que ouve partindo de uma flauta na rua a canção composta por seu marido para a comemoração da unificação europeia, que está incompleta. Isso acaba por detonar um retorno (poeticamente representado no cubo de açúcar que cai na xícara de café). Depara-se com a amante do marido, que espera um filho dele, acolhendo-a. Dedica-se integralmente na conclusão da partitura (profunda e belíssima composição de

Em alguns momentos...

...um toque é um sorriso
um sorriso é um beijo
um beijo é uma declaração
uma declaração é um coração que dispara!
Existe harmonia em torno
destes momentos mágicos
cheios de volúpia
de pelos eriçados
bocas secas
olhos apertados
corações abertos.
O mundo não é senão aquele pequeno espaço
com alguns objetos inanimados presentes
palco de uma dança alegre e contorcida.
A vida não é senão aquele pequeno espaço
com alguns objetos inanimados presentes
palco de uma dança alegre e contorcida.
A vida não é senão uma bailarina
ingênua e bonita
a bailar por entre tudo
como que a entreteçar este momento
ao universo...
Uma explosão de luz!!
que ilumina o rosto da magia
solta volútil no ar...
E a bailarina dança dança e dá
piruetas, cambalhotas
como se quisesse mostrar
que a vida é circo
é sonho
é dança
é voz que se propaga aos berros
é um desajuste de loucos!

LEO (30)

Zbigniew Priesner) cujos versos dizem: "O amor é paciente. Suporta tudo. Não morre jamais". E por meio de lágrimas, Julie se rende à vida.

Juliette Binoche criou uma interpretação de rara sensibilidade e introspecção. Kieslowski move sua câmera em busca da alma de Julie e faz com que o silêncio, os gestos e os olhares transmitam muito mais que as palavras podem fazê-lo. Com *Trois Couleurs: Blanc*, ganhou o Urso de Prata de melhor diretor no Festival de Berlim (em fevereiro). *Trois Couleurs: Rouge* teve lançamento no Festival de Cannes em maio. Resta a nós esperar (ansiosamente) a vinda de ambos às nossas telas.

A liberdade é Azul (Trois Couleurs: Bleu)
1993 França/Polônia

Direção: Krzysztof Kieslowski

SÉRGIO SETSUO MAEDA
MED 31

Eu não queira começar o meu espaço com a seção necrológica, mas como o defunto ainda está meio fresco, vai lá.

Antes de mais nada, o defunto não é o Sr. Ayrton Senna. Além dele, outros mortais têm a prerrogativa de falecer avisando aos fãs mais exaltados. Kurt Cobain foi cantar com Freddie Mercury e tocar com Jimmy Hendrix. Talvez torne-se um ídolo como parece que acontece com os presuntos atuais.

Rei Morto, viva o rei! Portanto, comprem os CD's do Nirvana antes que vocês esqueçam que eles existiram. Os seus últimos álbuns valeram à pena: Nevermind e In Útero. Têm troços audíveis, como a esquizo paranóica Lithium; a baladinha In Blomm cuja versão mauricinha do clip ficou absolutamente escrachada. Eles até pareciam seres humanos! Sem contar outros megahits Come as you are e Smells like teen spirit, muito bons. Se bem que de tanto ouvir tive vontade de estourar os miolos de Kurt antes dele! Mas enfim, como diz papai, menos um mau exemplo para os adolescentes!

Infelizmente enquanto o Sr. Senna batia a Williams na Tamburello, o Sr. Corbain estava divertindo-se com sua pistola, Axl Rose não estava por perto. Ele está cada vez pior! Devia tomar uma overdose e fazer um CD melhor que "The Spaghetti Incident" (like a suicide). Sua falta de originalidade e sua voz de taquara rachada no primeiro (e último) hit deste CD 'Since I don't have you' fez explodir meu saco (para os maldosos ele se recupera)... É uma heresia à música original de '57 skyliners. Eles ao menos não desafinavam tanto...

Outros que deveriam compartilhar um AP. no andar de cima à sete palmos no subsolo poderiam ser os grupos tec-no-dance atuais como Snap, aqueles de 'Rythm is a dance' que atingiu sua saturação máxima no ano passado; além de Double you 'Please don't go (versãoll, destruam os samplers)', Haddaway 'Baby don't hurt me (and don't sing it no more)' e outro inumeráveis cujas batidas são exatamente iguais e têm letras de músicas que dizem tanto quanto um playboyzinho falando sobre Shakespeare. Mas não vou ser tão radical: até o Elton John da velha guarda e seu atual namorado(a?), o Dragqueen Ru Paul gravaram um album parecido 'Don't go break my heart' e faz sucesso! Isto deve ser algo que meu povo gosta...

Por enquanto não consegui escutar por completo os bons CD's da última safra. Mas têm bons hit por aí como o Jamaica-love-you (Higher ground' do UB40) que finalmente está sendo oferecida pelas FM's em doses Homepáticas e a 'Creep' do Stone Temple Pilot: uma boa música na batida mamãe-eu-cheirei.

A melhor Tupiniquim é a do Legião as 'perfição' e 'Vamos fazer um filme' do "Descobrimento do Brasil" que não escutei na íntegra. Como todos os álbuns, vai se transformar num cult. Assim espero!!

As coisas mais esquisitas que tenho ouvido ultimamente foram: 'What's my name' do Snoop-Doggy-Dog. O tal referido 'RAP' têm efeito agradavelmente laxante. Comprove! Além do 'Return to Innocence' do Enigma que sinto não seja o mesmo grupo que gravou 'Sadness part I' pois acho que na introdução dos vocais na primeira aparece um índio, e no outro um monge. Vou te confessar; eles são bem versáteis.

Para terminar, nem só de anos 90 vive a música. Tentem lembrar da década de oitenta(faz falta...) e seus megahits. Por acaso para ativar sua sinapses não muito usadas; vocês lembram de duas música antiqüíssimas o 'I was born to love you' do Queen e da brega 'No balanço das horas'? Elas não me saem da cabeça. E você, qual é a música que não sai de sua cabeça. Cara leitora solteira? Venha me contar sábado à noite. Estou esperando...

E para todos, até a próxima rapidinha.

Adeus.



Ignorância

Não acho definição
Sei que isso esmaga meu coração
Tenho vontade de chorar
não sei de tristeza
ou de solidão
talvez de alívio
ou quem sabe de cansaço
Até mesmo de vitória, por que não ?
Ou será uma sensação de derrota
de ter perdido a rota
(e talvez até a guerra)

Mas nenhuma lágrima escorre
Meus músculos faciais se contraem
Meus lábios parecem um desenho de montanha feito por uma criança
e nenhuma lágrima escorre
Meus olhos estão quentes
(Por favor, alguém me diga o que é isto !)
mas nenhuma lágrima escorre
Me contorço de dor
Uma dor que nem sei se existe
(O que é isto?)
Terror.
O que é isto?
Congelo numa posição fetal
e fecho os olhos
Não há nada para sentir
Apenas o vazio me cerca
e me atormenta
Quase me violenta
tamanha é sua vontade de invadir meu corpo
Por favor, alguém me diga o que é isto.
Antes que eu desista de viver.

Por favor, alguém acabe com esta Ignorância!

ISABELA RÉGNIER CÔRTEZ

AGONIA

*Chega!
Pára tua vida
No instante em que estás !
Enfrenta tua derrota,
sem desculpas !*

*O desespero que te espelha nos reflexos
de nada adianta agora.
A loucura que temias
percorre teu corpo como a gordura
que te apodrece,
flácida.*

*Pára de fugir,
de se esconder nos cantos
escuras!
Pára de recuar !
A covardia fincada em teus músculos, pára !*

*Pára, isolada,
e te acoitas, se necessário
te crucificas sozinha
e sem gritar !*

*Desiste de tudo
e procura teu lugar
e espera o sinal,
o destino.*

*Mas talvez o sinal não venha
e desperdices tua vida inteira
a espera dele.*

*E talvez não exista destino,
talvez Deus não exista.
Porque quando choravas sozinha
na chuva
Clamaste por ele em vão:
não fez trovejar
nem mostrou-te o sol entre as nuvens*

*E a chuva te afundou
na lama cheia de vermes*

*Para tua dor
e te busca sem tréguas !
Persegue teus passos como uma serpente
implacável,
irredutível !*

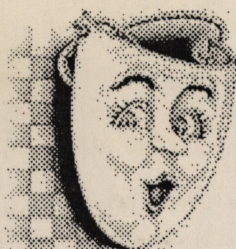
*Emoldura teus braços em teu corpo,
e te esmaga com tuas unhas !
Percebe-te
e ressurge da agonia,
afinal !*

*Pára !
Porque a morte te espreita
sem relutar
e não será digno
ter te escondido
em lutas que não te pertenciam !*

*Pára
e aprende
e redescobre o dia !*

DANIELA CAMARGO (32)

CINE PARADISO



• Uma breve introdução

O Cine Paradiso foi inaugurado em 16 de outubro de 1983, com o filme *Tristana*, de Luís Buñuel. Ficava, até outubro de 1991 no Senac de Campinas. No dia 8 de outubro voltou a funcionar, agora com sede própria, na Galeria Barão Velha, ponto turístico bem no centro da cidade. A sala nova (100 lugares, som estéreo, projeção Xenon, bomboniere e sanitários) passou a se chamar Cine Paradiso (do filme homônimo de Giuseppe Tornatore), numa franca declaração de amor ao cinema.

E o que fez o Cineclube Campinas ?

Muito, e pelo cinema em Campinaas, muito mais do que simplesmente passar filmes, (e não foram poucos ! Mais de 850 filmes, muitos deles lançamentos na cidade. Só para citar os mais recentes: *Cyrano de Bergerac*, *Tomates Verdes Fritos*, *Em nome do Pai*).

Levou o cinema às crianças da periferia, trazendo-as para seu projeto "Cine Paradiso", resultado: de 89 a 91 foram 8.000 "baixinhos" que passaram pela sala.

Levou os idosos de volta ao cinema, no programa "Cinema para os Idosos", que movimentou 3.000 pessoas em 94.

Trouxe diretores nacionais, atores de filmes polêmicos como Avaeté, numa mostra clara de engajamento e apoio à cultura brasileira, isso apenas para citar alguns dos feitos prodigiosos em tempos bicudos de crise.

II_A situação atual dos cinemas em Campinas

A maioria das salas de cinemas comerciais da cidade, principalmente no centro, ressentiu-se com a crise prolongada, adicione-se à esse quadro a expansão do fenômeno Vídeo. Isso fez surgir mudanças radicais na cara e até mesmo na função de várias. Muitas se tornaram especialistas na dobradinha "Pancadaria-Pornô", e outras fecharam suas portas, como o antigo e famoso Cine Ouro Verde, que após se especializar em filmes infantis, virou uma fábrica de tintas.

É nesse quadro que os dois cineclubes da cidade, o antigo Barão, hoje Victória e o Campinas-Paradiso lutam. O primeiro conta com o apoio de um dos maiores bancos privados nacionais, o Nacional que, sem tirar os méritos de suas atividades, lhe garante um "back-ground" de peso, já o segundo tem conseguido sobreviver por conta própria. Sem perspectivas concretas e garantias de viabilidade a longo prazo, o Paradiso pretende agora pedir apoio à iniciativa privada, para nessa parceria continuar agitando a vida cultural de Campinas, de quem é há onze anos uma referência básica.

Hoje restam apenas cerca de 20 cineclubes no Brasil, visto que de 1976 para cá os filmes de 16 milímetros vão se rareando e o vídeo ocupando seu lugar. Perdendo-se o Paradiso-Campinas (e principalmente, o centro da cidade), perde-se mais um ponto de lazer (já que temos tantas opções !).

O movimento para salvar o Paradiso tem apoio de Grupos da Física e da Bio e C.As como o da Economia, Letras, Civil e agora da Medicina. Em breve estaremos trazendo a estréia em Campinas do premiadíssimo *Capitalismo Selvagem*, de André Klotzel (o mesmo me 'Marvada carne'). Haverá uma coletiva com o diretor, talvez alguns dos atores, coquetel e pré-estréia com ingressos subsidiados.

Claro que isso irá nos ajudar a salvar o Paradiso, mas precisamos de um pontapé inicial. Por isso esperamos que o público universitário volte a frequentar cinemas, e sobretudo, cineclubes.

MARCELO FREIRE DE LIMA
ECONOMIA



FALÁCIAS

Estamos inaugurando um espaço para pequenas, médias e grandes pérolas que as personas da MED costumam lançar. Tais preciosidades não podem passar sem o devido e digno registro.

"Antes de tudo, o tudo é tudo e o nada é nada."

Ribeirões.

"Ficho que vâmo votá se a gente faz ou não votação para saber se saímos às 6:00pm, 6:10pm, ou às 6:15pm"

Carlão; O + louco no EREM (que rolou na poderosa Curitiba)

"Uh, cadê o negocinho de segurar?"

Lelminha e grande Erich, no mesmo EREM. Essa FALÁCIA se de quando, ao

passar do ligeirinho para o tubo, os dois esperavam ansiosamente que o tubo saísse andando... Obs.:Tubo, para quem não sabe, é uma "gaiola" de vidro onde a gente espera chegar o próximo ônibus. É esquisito, mas agiliza.

"À noite estamos mais baixos porque ficamos de pé o dia todo, e isto vai nos achatando."

P.R.N., Filósofa do século XV.

"O terremoto é orgasmo da Terra, quando alguém morre e a Terra gosta dele(a), têm um orgasmo, um terremoto intenso."

Leozinho, Pres. CAAL

"Eu tô biniiita..."

Muito difundida por nossa Nicole, e rapidamente anexada ao vocabulário das mais novas.

"Se não treinar, vai cair!"

Origem unknown, não se sabe quem foi o serviçal.

"Eu tô Bebim-Bebim, com a graça

de Deus." Wanderley, bebum mala sem alça de Ribeirão;na Botu-Beirão.

"Fii que medal!"

Difundida por IS THE MAN,fã nº1 dos trapalhões e do Didi.

ATENÇÃO: Qualquer pessoa interessada em tornar públicas certas falácias, favor dizê-las à Priscila (XXXI) ou entregar para a Selma, secretária do CAAL, endereçadas ao SPASMO! e à Priscila.

Eu e meus fiéis colaboradores, estaremos atentos a falácias em potencial...

Ass. Priscila XXXI

① NÃO HA' POESIA SEM MOVIMENTO...
ENTÃO NÃO ME TRANCO...

RESPIRO...

MOVIMENTO...

RESPIRO MOVIMENTO...

MOVIMENTO O MUNDO?

Daniel Romarq

XXXII

04/05/89



TO FALAR PORTINGLÊS

Estava dando um "look" pelos "shoppings" da nossa "city", quando vi meu amigo Fábio (com F mesmo), que veio a mim dizendo: _ "diga aê my brother, como tá tu?". Abri um sorriso kollynos e disse que estava tudo bem, apertamos as mãos, e como no comercial da Coca-Cola nos abraçamos num abraço típico de velhos amigos desde a infância.

Iamos andando pelas "streets" já em altos papos quando ele lembrou-me de que aquela era a semana da Pátria e convidou-me para uma "party" na sua "school". Conversamos ainda um "time" até ele dar um "bye" e ir embora.

Chegando a casa, comi o meu "breakfast" e comecei a ensaiar o "hymn" nacional, afinal de contas desde o primário não o cantava (amaldiçoado seja Osório Estrada, que compôs um "hymn" tão difícil. Ora, logo que nós brasileiros somos meio "dumbs", que se fizesse uma letra a altura de nossas capacidades mentais, sem tantas palavras dicionariáticas e longas). Ao final do dia havia decorado o ritmo, mas não a letra, que conclui que se fosse do George Michael seria mais bonita e sonora.

No dia seguinte, coloquei uma camisa pólo azul e vermelha e uma calça jeans, bebi o meu "milk", tomei um "bus" e fui para a "party" do meu amigo. Chegando ao local, que a respeito se chamava George Washington, mas mais parecia a cabana do pai Tomás, deparei-me com Fábio e sua namorada, que me conduziram até o "countryyard" onde seria realizada a solenidade.

A festa começou com o hasteamento da nossa "flag", ao som do "hymn" nacional, que eu afinal de contas conseguir dublar, e não passei vergonha alguma, pois quase todos faziam o mesmo, se não pior. Durante aqueles momentos algo me ocorreu: logo que somos tão alegres, nossa "flag" deveria ter cores mais vibrantes, não estes tons pastéis, algo mais jovial: o verde poderia ser substituído pelo vermelho, afinal de contas nosso pau-brasil virou mesmo corante escarlate. E em vez de "Ordem e Progresso", poderia ser "Drops" e rock'n roll".

Ao sair da solenidade, senti revitalizado o meu nacionalismo, abri um sorriso mais alegre que os do comercial da "Esso", e sai pensando como é maravilhoso morar em um país tão original e tão anil, o meu Brazil anil.

"Os acontecimentos são homens. As circunstâncias são gente. Uma batalha, um jantar, um olhar, um beijo — cada uma dessas coisas, porque é uma coisa, é um ente, uma pessoa de certa maneira de carne e osso". (Fernando Pessoa)

Nada é mais real e, ao mesmo tempo, mais simbólico que a poesia futurista de Álvaro de Cam-pos. A procura de um sentido maior para as manifestações do material, do espiritual e até mesmo do transcendental, levam Fernando Pessoa, não só nes-se heterônimo, mas em toda sua produção poética à busca de uma essência, à angústia, à profecia e, sobretudo, à genialidade.

Em sua obsessão pelo essencial, segue linhas do ocultismo, da magia, da cabala, do rosecrucismo, da alquimia, das ordens iniciáticas em geral. É isto, por vezes que mantém viva sua esperança que o faz sentir a simbologia do que o cerca, a unidade das coisas.

Foi através desse ocultismo que desenvolveu toda sua obra ("Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela/ É oculta mão colore alguém em mim") e pôde incluir-se no grau de poetas que ele próprio classifica como o mais elevado: o que desenvolve todos os gêneros poéticos (épico, lírico e dramático). Parece, aliás, sua poesia ser não um fim, mas um meio de extravasar suas inquietações metafísicas e aspirações esotéricas.

A iniciação, sendo o anúncio de uma possível verdade, é para ele um alento; alento que o alivia pouca, pois é constantemente abalado por sua suposta mediunidade. Nem ele próprio sabe dizer se esta é produto de sua mente sedenta por mistérios, de um distúrbio de base histórica ou histero-neurastênica ou de emersões de seu próprio subconsciente. Só o que sabe é que tal mediunidade prejudica sua arte (que não se faz com o subconsciente em liberdade), sua moral (pela perda da inibição e anulação da vontade) e religião (pela quebra dos laços sociais). Chega a propor, inclusive, a proibição do espiritismo por lei.

A união entre as manifestações místicas e religiosas e as sociais é, aliás, um dos pontos mais marcantes em sua poesia. Isto torna-se bem claro quando em "Mensagens" propõe o V Império como manifestação cristã (assim como o foi o III). Apesar de considerar que Cristo não existe senão simbolicamente ("Cristo é um mito na sua própria realidade, é real na proporção em que é um mito") deixa claro, recorrendo inclusive às profecias de Nostradamus, que a religião, único fator que pode agregar os quatro impérios antecedentes (cultura grega, ordem romana, moral cristã e individualidade inglesa) só poderá ser a cristã já que suas mais fortes "concorrentes" (budismo e islamismo) não respeitam as crenças defendidas pelos impérios anteriores.

É interessante e enlouquecedor seguir sua linha de pensamento, a linha do uno em que ciência, arte, política e religião se confundem e se completam. Na verdade o poeta é um dos únicos que vê com simplicidade tal idéia e sua prática: "Em certo sentido somos todos maçons, no templo desta alma imortal ou na antecâmara deste mundo mortal".

Sorte nossa que os símbolos que utiliza falam de uma linguagem analítica e por isso não é mesmo possível entendê-los através de nossa inteligência factual e ativa. São para ser sentidos ou, no máximo, intuídos. Não fosse assim, seria quase impossível viver, pois, diz bem Fernando Pessoa: "toda vida é uma simbologia confusa".

A POLÍTICA TAMBÉM É UMA ARTE

O STF julgou inconstitucional parte da lei nº 8713, a Lei Eleitoral, permitindo então, que os chamados micropartidos possam ter candidatos à presidência, desde que tenham no mínimo, um representante no Congresso.

Só o fato desta tal de Lei Editorial ter corrido o risco de entrar em vigor por completo, já assusta. Não passa de uma medida antidemocrática, felizmente barrada, que se disfarça de enxugadora e pré-seletiva, antes mesmo do resultado final, o das urnas.

Uma eleição presidencial, já de antemão selecionada, e ainda mais baseada num poder atual, é no mínimo mantenedora da situação e da oposição já de larga escala conhecidas pela população. Desta feita, o surgimento de novas ideologias ficaria praticamente impedido, ainda que uma eleição presidencial prematura possa servir apenas de degrau inicial para voos mais altos, posteriormente.

COVAS: O candidato do PSDB ao governo do estado lidera as pesquisas com níveis superiores a 50% das intenções de voto, como confirma o Datafolha em pesquisa realizada nos dias 1 e 2 de maio. Entretanto, quando o eleitor é argüido diretamente "em quem vai votar?", sem terem sido dados os nomes dos candidatos, Covas despenca para irrisórios 5%, empatado com o Prefeito Paulo Maluf, que nem é candidato. Esta chamada intenção de voto espontânea artificializada, de certa forma, os mais de 50% da Intensão estimulada, colocando o senador paulista na perigosa posição de "falta de opção" ou "candidato do 2º turno".

DEUS: O Real, que se aproxima cada vez mais da realidade, não acredita na inflação psicológica e tira o tradicional "DEUS SEJA LOUVADO" das notas. Que Deus não se aborreça muito com isso...

MARCOS SANTOS

Folhetim

Porra! Me pagaram para escrever um folhetim, em edição de um texto por mês e eu não consigo escrever nada. Tenho que pensar! Tem que sair alguma coisa! Também, com essa dureza, fica pegando qualquer serviço, por qualquer trocado. E ainda gastei quase tudo para sair com aquela piranha; restaurante caro, peça de teatro, e na hora do circo pegar fogo ela regula. Que droga! Não sai nada da cabeça, só consigo maldizer a vida. Saco!

Deixe eu ver... Algo que prenda a atenção, que faça o leitor esperar pelo próximo número. Essas especificações dos pedidos de trabalho são sempre as mesmas. Veremos... Pode ser um assassino de uma mulher, esposa de alto funcionário do governo, que levaria à escândalos e à queda do presidente... Não, só funciona na Europa... Aqui todo mundo sabe o final... Quem sabe o roubo de uma jóia, c/ um detetive retardado investigando? Não... Plágio da "Pantera cor-de-rosa" deve sair bem caro.

Pode ser um sequestro ou desaparecimento. De quem? De um cantor? Não, batido; de um ator? Não, logo arrajam alguém bonito mais ordinário para entrar no lugar daquele sequestrado. De um lutador de boxe? Bom, mas o papel é invertido, eles sequestram (ou estupram) depois vão presos! Poderia ser um escritor quase falido, mal amado, morrendo de fome (um pão com salame, pelo amor de Deus). Ei, é isso, vou começar a escrever.

Sentado em sua máquina de escrever quebrada, numa noite fria e chuvosa (que piegas); bom, em qualquer noite, escrevendo a mão está o escritor e... Péra aí, que barulho é esse, quem está aí!!

Obs.: Nós, os editores, encomendamos, exigimos um bom trabalho, e pagamos por um bom trabalho do Sr. escritor Un K. Owen, escritor quase desconhecido, mas de boa fama no "Underground" da cultura suburbana. Como o escritor estava atrasado duas semanas para a entrega de seu primeiro texto, invadimos seu, digamos, lar, na boca do lixo e encontramos tudo desarrumado (o que não é novidade) e este texto em seu bloco de anotações. Como já tínhamos pago, e precisávamos de algo para preencher o espaço já reservado na diagramação do jornal. por isso, encarecidamente, pedimos aos leitores que continuem a história do Sr. Owen, usando o tema que ele começou, já que ele é agora um escritor desconhecido e ... Desaparecido.